

## O TICUMBI OU A LÓGICA DA AMBIGUIDADE

Bernadette Lyra\*

### ALGUNS ESCLARECIMENTOS

Não sei se ainda se pode falar que existe o Ticumbi. Pelo menos do modo como eu o conheci. O Ticumbi é um antiqüíssimo ritual da cultura negra que sempre acontecia em Conceição da Barra, pequena cidade do norte do Espírito Santo, apertada entre o rio Cricaré e o mar. Da maneira como estava constituído, ele não se repetia em lugar nenhum do Brasil.

Manifestação capixaba, étnica e ritualística, o Ticumbi mantém e reelabora elementos básicos da negritude, transmitindo valores capazes de atuar como expressões da cultura de um grupo. E, ao contrário do que julgam alguns, não é uma reprodução simbólica das guerras religiosas dos brancos. Não se trata de uma representação que põe um rei cristão contra um rei mouro ou pagão. Na verdade, é um modelo dramatizado das guerras étnicas tão freqüentes entre os povos da África. Nesse sentido, no Ticumbi é contada a história da contenda entre o rei de Congo e o rei de Bamba, seu tradicional inimigo.

A existência do Ticumbi se confirma desde os primórdios da instalação de escravos africanos na região, fixados ali quer em trabalhos de fazendas e afazeres domésticos, quer em quilombos formados pela inacessibilidade e aspereza daquelas paragens.

Sabe-se que a maior parte desses escravos tinha origem banta. É esta a etnia responsável pela existência dos bailes de congo ou congadas que se espalham, ainda hoje, de norte a sul do país. No entanto, ainda que possa ser considerado como uma variante dessas manifestações híbridas, o nosso Ticumbi permaneceu profundamente negro. Não apenas na sua função ritual que configura um sistema cultural alternativo capaz de fazer da religiosidade uma saída para a opressão interétnica a que foi submetida a população negra na diáspora, mas também na ambigüidade instaurada pelas táticas culturais empregadas.

Dessa forma, o Ticumbi gerencia o relacionamento de um grupo específico com o mundo e com as próprias contingências culturais e históricas que cercam a população

negra que habita o local. Essa transação, que assume o caráter de um ritual repetido a cada ano, faz-se na inclusão de uma zona de mistério, tipicamente ancestral, no seio das atividades comuns dos indivíduos que “brincam” o Ticumbi. Assim, o grupo repete o que ocorreu no passado. Ainda que este passado seja remoto, desconhecido e mítico, os elementos de base étnicos que transparecem são capazes de conceder ao pesquisador um nexos com a própria identidade dos participantes, ao mesmo tempo em que os envolve nas contingências que cercam as suas relações com o presente.

Resulta então que, no Ticumbi, podem ser contempladas a vitalidade e a plasticidade negras, continuamente aplicadas aos trânsitos que dão passagem às situações do passado-presente, sem que se constituam em representações teatrais congeladas, relíquias para serem vistas apenas ou demais pitorescas demonstrações

## A REGIÃO DO TICUMBI

O Ticumbi é encontrado em Conceição da Barra, cidade situada no extremo norte do Espírito Santo, na fronteira deste Estado com a Bahia, distante cerca de 270 quilômetros da capital, Vitória.

Os lugares envolvidos no círculo geográfico que o abrange, além de Conceição da Barra, sede do município do mesmo nome, alongam-se pelos arredores: pela povoação de Santana, pela zona chamada de “sapê”, por Campinas e Barreiras, povoados situados às margens do rio Cricaré. Há também uma expansão do ritual na vila de Itaúnas.

Por muitos séculos, essa região foi pouco povoada e tida como “terras feracíssimas”. Nela, se apresentavam condições excelentes para abrigar os mocambos de negros escravos fugidos, advindos do sul da Bahia e das fazendas vizinhas. É sabido que apenas vilas esparsas se situavam da margem esquerda do rio Doce para cima, até o riacho Mucuri e que, durante muito tempo, o rio Doce foi tido como o limite natural entre a zona povoada do Espírito Santo e a zona desconhecida que ficava para além dele.

Conceição da Barra esteve ligada por longo tempo ao território de São Mateus, do qual se desmembrou em 1833. Até bem pouco tempo, o município vivia da produção agrária dos negros que, quer pelas constantes fugas durante a escravidão, quer pela

fixação agrária em seu território após a Abolição, permaneceram no interior, ao longo dos pequenos afluentes do rio Cricaré e do rio Itaúnas, e, em especial, no Sapê.

Sendo essencialmente agrícola, Conceição da Barra produzia mandioca (brava e mansa), feijão, arroz, cana-de-açúcar, milho e coco. Não tinha sido lugar de grandes fazendas que por si prendessem os negros e seus costumes ao local. No entanto, as condições propícias ao aquilombamento, sobretudo o retorno aos modelos negros tribais, muito contribuíram para que a população de cor fosse ali uma das mais elevadas do Estado..

Na história do próprio Ticumbi, corrida de boca em boca, estão enredados fatos e personagens em que a tradição popular não hesita em reconhecer chefes negros rebeldes, como o negro Benedito, que em 1885 chefou uma revolta na fazenda de José Rodrigues Guerra, nos arredores de Santana. Correm ainda lendas como a do negro Rugero, que dizem ter sido inteligente e respeitado por todos, participante, ele mesmo, dos antigos bailes de Congos.

Através dos traços da cultura africana legados pelos escravos e absorvidos por seus descendentes, verifica-se em toda essa região uma predominância do universo cultural dos bantos.

#### UMA BRINCADEIRA “Á VERA”

O Ticumbi era dançado exclusivamente por negros. No entanto, com o tempo, os costumes se foram abrandando e algumas formas foreiras, tais como as presenças de brancos e de “protetores”, se introduziram no ritual.

O Ticumbi representa as lutas entre o rei do Congo, considerado um rei a serviço dos portugueses na África, e o Mani Bamba, senhor da província africana de Bamba. A origem banta do Ticumbi se evidencia, ainda, pela permanência de palavras e prefixos bantos, bem como de alusão a divindades supremas de Angola e do Congo, em seus “cantes” (cantos) e “embaixadas”.

Na verdade, o Ticumbi é apenas uma parte específica da coreografia, que, depois, passou a designar todo o ritual, anteriormente denominado genericamente de “baile de congos” ou mais especificamente de “brincadeira de São Benedito.”.

A palavra “brincadeira” remete para uma situação muito comum às necessidades negras, desde os tempos da escravidão, quando era preciso driblar as autoridades brancas que somente admitiam por parte dos escravos algo que não fosse “à vera”, ou seja, algo que, pelo caráter de representação e divertimento, não ameaçasse a cultura e a ordem oficiais. Aquilo que era considerado uma brincadeira não punha em perigo a Instituição.

É sabido que, em dias santos e feriados, era permitido aos negros que cantassem e dançassem em homenagem aos chamados “santos pretos” ou “santos de pretos”, notadamente são Benedito e Nossa Senhora do Rosário. São inúmeros os testemunhos históricos de viajantes estrangeiros admirados de ver, em grande quantidade, os negros nas ruas, em dias de folga, dançando e cantando com aquiescência de seus senhores e com o beneplácito dos padres católicos. Abria-se, assim, um espaço genuinamente negro no seio da sociedade escravocrata branca.

No entanto, através da “brincadeira”, os rituais e os elementos básicos da cultura negra puderam ser perpetuados sem que as camadas dominantes se interpusessem em nível de interdição.

À primeira vista, os rituais classificados como “brincadeira” nada aparentam de oposição ou resistência, ao contrário de outros, como a cabula, o candomblé e certas lutas e danças como a capoeira, o batuque e o samba, que foram proibidos e perseguidos durante longos anos.

As “brincadeiras” dos negros tinham aparência inocente e aparentavam mesmo um modelo de submissão simbolicamente garantida por meio da necessidade de licenças oficiais, alvarás de polícia e aquiescência da religião dominante, para sair às ruas, dançar e cantar junto às igrejas católicas. Contudo, por trás de toda essa parafernália de dominação, as manifestações negras sempre afirmaram um discurso de continuidade de seus próprios valores culturais, sendo a cultura negra suficientemente forte para, inclusive, tragar elementos de outras culturas sem com isso perder sua intrínseca identidade.

## NOTAS SOBRE O RITUAL

1.

O termo Ticumbi, para alguns é obscuro. O mestre capixaba Guilherme dos Santos Neves, o mais destacado e importante estudioso de nossas manifestações culturais, observou-me, uma vez, que o nome parece ser corruptela de cucumbi, uma forma mais primitiva das congadas, também conhecidas como cucumbis, ticumbis, turundus. Uma versão africana vem do pesquisador Kazadi wa Mukuna, que em seu livro *Contribuição bantu na música popular brasileira* descreve uma cerimônia da região do alto Zaire, denominada Kikumbi. Segundo ele, o Kikumbi se faz acompanhar de danças pantomímicas e de cantos, tendo por destaque um “toque” entre os corpos dos dançantes.

No Ticumbi capixaba, existe também esse “toque”, sob a forma de um esbarrão de ombros entre os pares, em determinado instante da dança. Mas, antes de tudo, é preciso notar que, nas chamadas danças dramáticas de origem africana, o fato de dançar e cantar não tem o mesmo sentido que apresenta para a cultura advinda da Europa. Nas manifestações negras, a música e a dança estão irremediavelmente ligadas e integram o processo da intercomunicação. Cantar e dançar, para os africanos, é alguma coisa como ouvir as batidas do próprio coração. É sentir a vida, sem deixar de nela inscrever a morte.

2.

Apenas homens dançam o Ticumbi. E, outrora, somente homens negros. Porém as mulheres e crianças sempre participaram de tudo, acompanhando como devotos e providenciando limpeza do local de ensaios, comida coletiva e demais necessidades do grupo.

Observa-se curiosamente que, por ocasião da “busca do santo”, outro grupo se junta aos dançantes do Ticumbi. Porém, apesar de ligado à brincadeira, não integra a estrutura da mesma. São os tocadores de tambores e canzás, tidos como os “devotos de Bino”, uma pequena imagem de são Benedito que é vestida, cuidada e zelada pelos ribeirinhos. Este pessoal desce o rio com Bino, acompanhando os guerreiros do Ticumbi. Ao contrário do Ticumbi, seus componentes variam entre brancos, caboclos e negros. O que reforça a idéia de que este último grupo aparenta ser remanescente de

uma banda de congos perdida naquela região, pois as bandas de congos eram originalmente bandas de índios, depois transformadas pela inclusão de elementos negros, como os tambores ou “congos”.

3.

No Ticumbi, destaca-se a figura do mestre, que pelo menos por muitos anos foi hereditária, passando de pai para filho ou de tio para sobrinho. O mestre é respeitado pela comunidade e tem a chamada “cadência”, o ritmo para dispor a coreografia do grupo e também quem detém o “saber” sobre o ritual. É ele quem toma as providências para que o Ticumbi se realize, mantém o grupo coeso, escolhe e treina os dançantes.

Outrora, a liderança do mestre se estendia por sobre toda a comunidade negra do entorno e ele, em geral, era o próprio rei de Congo, por ocasião da brincadeira.

Dentro do Ticumbi, a condição de precursor em antiguidade é argüida, quando o rei de Congo declama:

*A festa do glorioso Bino,  
Ele (o rei de Bamba) não hai de fazê  
Nem tampouco afestejá,  
Pois eu sou o reis mais velho  
Que ocupei este lugá.*

Os demais participantes vão sendo agregados ao grupo conforme demonstrem intenção de “brincar”. No entanto, vem de alguns anos já o receio de que os jovens não estejam mais dispostos a dançar Ticumbi, diante das atrações da vida de agora.

4.

O Ticumbi se triparte em:

Ensaio

Busca do santo,

A festa (o dia do santo).

Estas partes se interligam dialeticamente. Porém ocorrem em lugares diversos.

Embora essa estrutura ainda se mantenha, não posso afirmar que cada uma das partes ocorra, atualmente, da mesma maneira.<sup>1</sup> Antes, os ensaios eram efetuados no

---

<sup>1</sup>Além de conviver desde menina com o ritual do Ticumbi, em Conceição da Barra, efetuei uma longa pesquisa de campo nos anos de 1980 e 1981, tendo convivido com o grupo para observar, de dentro, suas peculiaridades étnicas e culturais. O resultado dessa pesquisa serviu para minha dissertação de Mestrado, “O jogo cultural do Ticumbi”, defendida na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de

mato, em casa de um membro categorizado do grupo e com assistência da comunidade ali residente.

Os ensaios não tinham função meramente preparatória. Consistiam em um envolvimento de todos, com intensa troca de relacionamentos, encontros, refeições coletivas, bailes ao som de sanfonas e pandeiros etc.

Somente as famílias negras da região compareciam aos ensaios, que sempre eram feitos em casas próximas ao rio que, no dia após o ensaio geral, seria navegado em busca de Bino.

No ensaio geral, à meia noite, o baile comum era suspenso e, sob um clima de expectativas, os dançantes do Ticumbi irrompiam na sala, com o viola à frente. O ensaio geral só acabava ao nascer do sol, quando era distribuída uma refeição coletiva.

Depois, todos partiam para a beirada do rio. Então, as mulheres aguardavam em uma casa ali construída com pau a pique e palha, enquanto os homens se banhavam nas águas para darem início à busca do santo.

A busca do santo começava quando algumas pequenas embarcações com os participantes vindos do ensaio geral davam início a uma viagem pelo rio acima até a localidade de Barreiras, onde os aguardava uma imagem pequenina do santo negro, chamada carinhosamente de Bino, e posta sobre um altar especialmente preparado para a ocasião. Isso quase sempre ocorria no dia 31 de dezembro. No dia seguinte, entre rezas e rodadas de jongo, a imagem era posta em uma canoa enfeitada e seguia rumo ao porto de Conceição da Barra, a uns vinte e cinco quilômetros, no rumo do mar.

A chegada era apoteótica. Muitos choravam, rezavam e gritavam vivas a são Benedito. Em seguida, o cortejo, tendo à frente o pequenino Bino levado ao colo por uma devota, partia para a igreja matriz, onde o aguardava outra imagem, o padroeiro são Benedito, sustentado em seu andor.<sup>2</sup>

Na chegada ao porto da Barra, as mulheres corriam para colocar nos pescoços e nas camisas dos congos vários cordões e broches de ouro, guardados cuidadosamente para a ocasião.

Formava-se, então, um cortejo, com a marcha de rua. À frente, os guerreiros, cantando e dançando, seguidos pelos reis, Congo e Bamba, seus secretários e o viola. Logo após, vinha o andor de são Benedito, o padroeiro. Atrás, o Bino, sempre nos

---

Janeiro.

<sup>2</sup> Desde fins da década de setenta, os devotos ergueram uma capela em Conceição da Barra só para abrigar a imagem de São Benedito que, assim, deixou a igreja matriz.

braços de uma devota, acompanhado por sua banda específica de tambores e canzás.<sup>3</sup> Em seguida, todo o povo que se juntava para “correr as ruas”.

A festa propriamente dita ocorria no dia do santo.

Os congos saíam vestidos com longas batas brancas partidas de rendas. Saiote branco, calças também brancas e lenços atados no pulso direito. Fitas coloridas lhes cruzavam o peito e caíam em chumaços, dos lados. Na cabeça, todos levavam um capacete ajustado sobre um lenço branco e que era enfeitado com apliques de flores e arrematado por uma longa cauda de fitas de tafetá e de seda. Os reis usavam roupas mais vistosas, com longas capas coloridas e coroas de papelão nas quais rebrilhavam pequenos espelhos. Na mão ou na cinta, os reis carregavam pesadas espadas. Os secretários usavam capas como a dos reis, mas seus capacetes eram encimados por cabeças de jacarés ou serpentes, de boca escancarada e dentes feitos em papel laminado.

Os instrumentos usados pelos guerreiros eram pandeiros, cada qual mais esmeradamente enfeitado. Há notícias também do uso de canzás, como se vê nesse antigo “cante”:

*Z'pinica jiviola*

*Jicanzá e jipandeiro*

*Que agora eu vô viajá*

*Pro estrangeiro.*

5.

Como toda “brincadeira” dramática negra, o Ticumbi apresenta um enredo.

O rei de Congo, aos chegar a determinada região se dá conta de um movimento desusado entre os soldados de seu inimigo o rei de Bamba e apura que isso se deve à preparação para uma festa em honra do “glorioso são Benedito”. Ele chama seu secretário e ordena que vá até o soberano de Bamba para adverti-lo que não ouse festejar o santo. O rei de Bamba, por sua vez, também envia seu secretário e afirma ter direito à fazer a festança. O secretário do rei de Bamba é feito prisioneiro e depois posto para fora do reino do Congo, com mensagens desaforadas e desafios. Acontecem, a seguir, duas guerras: a primeira é a “guerra sem travá”, de que os reis e secretários não participam; a segunda é a guerra travada, com a participação de todos. Neste tipo de

---

<sup>3</sup> O canzá é um instrumento típico das bandas de congo no Espírito Santo. Consta de um cilindro de pau, cavado em uma das faces, em que é pregada uma lasca de bambu ou taquara com talhos transversais. Para tocar o canzá, o tocador atrita uma vareta sobre esses talhos. O canzá tem na extremidade uma cabeça esculpida, com olhos de sementes ou tentos de cor.

guerra, os dois reis evoluem no centro de uma roda formada pelos guerreiros. Eles se batem com as espadas até a vitória final do rei de Congo. O rei de Bamba e todos seus vassallos são submetidos ao batismo. Faz-se um grande baile em que se dança, especificamente, o Ticumbi. Ao final, forma-se a roda grande, e são cantadas menções a críticas sociais a fatos ocorridos na região. E tudo termina com três vivas ditos pelo rei de Congo:

*Viva são Benedito*

*Viva o acompanhamento*

*Viva nossa bela sociedade.*

6.

Ao começar a ação dramática do ritual, os guerreiros estão dispostos em duas fileiras. Dois guias, soldados do rei Congo, dão início à evolução, em que são seguidos por dois contraguias e demais congos, estes considerados vassallos do rei de Bamba.

A coreografia dos vassallos inclui movimentos de avanços e recuos, de grandes círculos, de giros em fileiras em meia lua. Cada par de vassallos executa uma série de voltas sobre o próprio corpo, avanço e recuos de pés, elevação dos braços, curvaturas e troca de lugares. No momento específico em que dançam a parte chamada Ticumbi, todos se tocam com os ombros. Os dois secretários, um de cada rei, executam coreografia mais elaborada e se desincumbem das embaixadas trocadas entre os reis inimigos com grandes saltos, abaixamentos sobre os calcanhares, rodeios e negaceios com as espadas. Os reis não dançam, porém se movem com majestosa lentidão.

#### A FACE DUPLA DO TICUMBI

O Ticumbi, bem como as múltiplas variações do baile de congos, se constitui ao longo de um sistema alternativo em que podem ser entrevistas as táticas de resistência da cultura negra.

Em primeiro lugar, o ritual guarda uma dupla capacidade: não apenas carregar-se de conotações religiosas, mas também da capacidade de expressar aspectos da sociedade em que ocorre.

Em verdade, a posição religiosa dos negros nunca foi bem compreendida em nosso país. A igreja, por exemplo, chegava a encorajar uma espécie de “catolicismo negro”, onde os elementos da religião africana tinham trânsito livre, desde que submetidos ao famoso “sincretismo”. Nesse pensamento “sincrético” a substituição dos elementos negros por equivalentes católicos tinha por objeto a manipulação e a redução. É o caso das voltas coloridas de contas que as mulheres africanas traziam em torno do pulso e no pescoço e que os padres católicos declaravam “a ,marca de Nossa Senhora do Rosário”. É também o caso de são Benedito, modelo oferecido pelo culto branco e doméstico aos negros.

Mas para os negros, são Benedito logo se tornou um “parente”. Esse traço de ver no santo alguém da família é essencialmente africano e se dirige ao culto aos ancestrais. O nagô, por exemplo, enxerga em cada indivíduo parte da família e da linhagem de um orixá.

Dessa forma, nos cantos do Ticumbi capixaba, são Benedito passou a ser “o filho de Zambi”<sup>4</sup>:

*Aué como vai tão belo  
O nosso Ticumbi  
Vai puxando pro seu rendimento  
Que são Benedito é filho de Zambi.*

A par dessa intrínseca religiosidade negra, o ritual do Ticumbi incorpora-se ao ciclo social do grupo que dele participa e agasalha as preocupações de minorias desse grupo, em confronto com uma maioria branca que detém o poder político e econômico. Isso fica bem claro na ironia com que se dão os cantos da roda grande.

Na roda grande tudo é permitido. Critica-se a atitude dos poderosos do lugar e reclama-se contra a discriminação e a injustiça cometida contra os mais humildes.

Em segundo lugar, o Ticumbi articula outra duplicidade que oscila entre os códigos culturais negros e brancos.

Esta duplicidade vela/desvela a face negra do Ticumbi e o torna capaz de articular, sob táticas de resistência cultural, as relações pautadas pela dominação, sem que isso acarrete perda de identidade.

---

<sup>4</sup> Zambi, o deus principal entre os povos bantos, era assim chamado em Angola. No Congo, a forma usada é Nzambiampungu ou Zambi-Ampungu. Equivale ao Olorum dos yorubás e não tem uma noção concreta que possa defini-lo. É também chamado de Ngana Zambi.

O próprio relato da dramatização faz sobressair-se o código da resistência de uma cultura negra presente no Ticumbi.

Após vencer a guerra, o rei de Congo (que representa o poder sancionado) se apressa em batizar o inimigo, assim como os senhores se apressavam em batizar os escravos “pagãos”.

O rei de Bamba (que representa o rebelde, o lado mau que necessita ser neutralizado) é vencido e, se submete ao batismo com seus guerreiros.

No entanto, as palavras que o rei de Bamba diz depois de ser batizado revelam a força de uma postura de resistência que pode ser facilmente decodificada no contexto da “brincadeira” e estendida ao âmbito sociocultural da história dos negros em diáspora:

*Se eu tivesse em minha terra  
Eu não te daria a mão  
Com feitiço e com veneno  
Te acabava a geração.*

Outro elemento cultural ambivalente que aparece no Ticumbi capixaba é a figura de são Benedito. Em Conceição da Barra, o santo assume duas faces: Bino, também chamado pelos devotos de Benedito das Piabas ou Benedito do Córrego Fundo (localidades próximas ao lugar de onde vem a pequena imagem descida pelo rio Cricaré no dia da festa) e são Benedito que fica no altar, na cidade, à espera..

Não há Ticumbi sem o Bino que é trazido de canoa até a festa. Ele é considerado o “irmoneiro” (de irmão), enquanto que o são Benedito da igreja é o “padroeiro” (de padrinho).

Pode-se dizer que, sendo irmoneiro, o Bino é como se fosse igual a todos os participantes do grupo. Implica-se, aí, uma quebra de hierarquia. O mesmo não ocorre com o são Benedito padroeiro, pois um padrinho é sempre alguém mais conceituado. Assim, na figura do Bino, pode ser reconhecido aquele vínculo secreto que une os negros a um ancestral. Bino pode ser considerado o lado culturalmente negro de seu duplo, são Benedito, santo que apesar de “preto” é oriundo da hagiografia da igreja romana.

Contudo, a ambos são prestadas as mesmas honras, a mesma veneração, o mesmo louvor. Porque ambos são um santo apenas. Ou seja, o diferente é o mesmo.

## CONCLUSÃO

Como disse no início, não sei se o Ticumbi do norte do Espírito Santo ainda existe. Pelo menos da mesma maneira com os olhos encantados com que fui acostumada a vê-lo, desde criança, como moradora da Barra.

Talvez a chegada da rodovia de asfalto à região, a vinda dos turistas, o aumento do fluxo migratório interno e outros fatores decorrentes da inevitável passagem do tempo tenham mudado o ritual e o local de modo irremediável. Mas, em minhas lembranças, tudo permanece, renovando-se a cada vez, como recordação e, sobretudo, como convicção de que se trata de uma autêntica manifestação da força da cultura negra que a nós, capixabas, legou a mãe África.

Por isso, o que importa, aqui, é procurar entender a lógica da ambigüidade cultural presente no Ticumbi. Uma lógica que persiste desde os modos de representação mais arcaicos de origem africana e que, ainda hoje, no mundo globalizado de agora, rege as relações entre etnias diversas, em suas malhas e desdobramentos.

\* **BERNADETTE LYRA.** Doutora em Cinema pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), com pós-doutorado na Université René Descartes, Paris V, SORBONNE, France. Atualmente é Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP. È escritora de ficção.

[intermidias.com](http://intermidias.com)